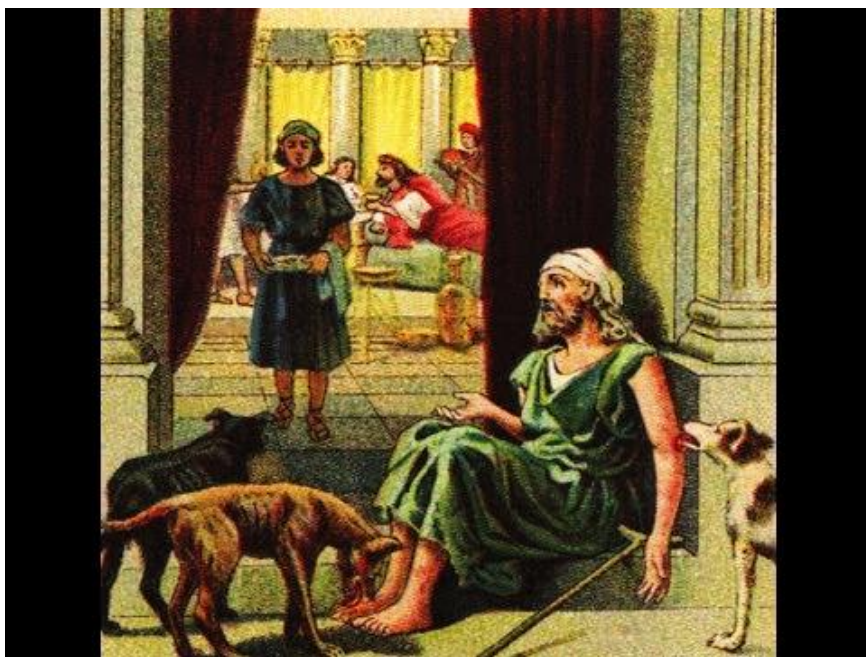


Domingo XXVI do Tempo Comum-Ano C – 28 setembro 2025



¹⁹«Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e fazia todos os dias esplêndidos banquetes. ²⁰Um pobre, chamado Lázaro, jazia ao seu portão, coberto de chagas. ²¹Bem desejava ele saciar-se com o que caía da mesa do rico; mas eram os cães que vinham lambe-lhe as chagas. Lc 16, 19-21

Viver a Palavra

Viver com os olhos e o coração abertos sobre mundo: eis o desafio que a Liturgia da Palavra deste Domingo nos coloca.

Seguir Jesus e abraçar a proposta de amor que Ele nos lança implica viver atento ao mundo à nossa volta, vencendo a globalização da indiferença que parece assolar o mundo em que vivemos. Na verdade, aquele que quer partir na aventura do serviço por amor deve procurar conhecer e amar o mundo, pois, *«o mundo amado apaixonadamente por Deus não pode deixar de ser amado por nós»* (P. Virgínio Rotondi).

Jesus conta-nos a parábola conhecida como *«o rico avaro e o pobre Lázaro»*. Esta parábola apresenta um nítido contraponto entre um rico e um pobre. Um rico que se veste sumptuosamente com púrpura e linho fino e um pobre vestido de chagas. Um rico que se banqueteava esplendidamente e um pobre que desejava apenas saciar-se das migalhas da faustosa mesa do rico. E depois de um destino comum – a morte – eis que este contraponto continua, mas agora invertendo-se a sorte: um pobre colocado pelos Anjos ao lado de Abraão e um rico, na mansão dos mortos, em tormentos.

Este rico aparece anónimo, definido apenas pelas suas próprias riquezas, que ao invés de serem possuídas por ele, já possuíram de tal modo o seu coração que o fazem viver indiferente ao mundo à sua volta. Mas este pobre tem nome próprio, chama-se Lázaro. Curiosamente, é a única parábola onde uma personagem tem nome próprio. Este nome evoca a casa de Betânia, casa da amizade e da ressurreição, a casa do nardo puro. Na verdade, o pobre tem o nome do amigo de Jesus e o seu rosto e o seu nome estão gravados no coração de Deus. Não podemos esquecer as palavras de Jesus quando afirmava: *«sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes»* (Mt 25,40).

Efectivamente, o rico não fez mal a Lázaro, não o tratou mal, não o afastou, não o agrediu nem o expulsou. Este rico ignorou Lázaro e o seu pecado é a indiferença. Como afirma Hermes Ronchi: *«o verdadeiro contrário do amor não é o ódio, mas a indiferença, para a qual o outro nem sequer existe, é apenas uma sombra entre os cães»*.

Este homem rico, atolado pelos seus inúmeros pertences e haveres, não consegue ver além de si próprio e dos seus bens. Contudo, após a morte, destino comum para ricos e pobres, aquele rico, nas profundezas do abismo, vê Lázaro. É a primeira vez que nesta parábola este rico vê alguma coisa para além de si próprio. Mas o que vê é ainda para colocar ao seu serviço: *«Pai Abraão, tem compaixão de mim. Envia Lázaro, para que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nestas chagas»*.

As riquezas não são um mal em si mesmas. Bem sabemos que os bens materiais são necessários para a nossa subsistência e até conhecemos o drama daqueles que não têm as condições necessárias para uma vida

digna. Contudo, é necessário libertarmo-nos de tudo aquilo que nos impede de ver a realidade à nossa volta e nos torna indiferentes ao mundo e aos outros.

Outra importante protagonista desta parábola é a morte, preciosa memória dos limites que marcam o tempo da aventura humana. Ela é frequentemente removida pela consciência com comportamentos e atitudes que nos dão uma ilusão de imortalidade. Possuir muitos bens, um estilo de vida luxuoso, que se manifesta na qualidade do que se veste, do carro que se possui e no quotidiano banquetear-se lautamente sem nada partilhar, eis uma tentativa, tão sedutora quanto ilusória de evitar a angústia da morte.

Contudo, como nos recorda Paulo, apenas «*a justiça e a piedade, a fé e a caridade, a perseverança e a mansidão*» nos podem sintonizar com a vida de Deus e rasgar horizontes de esperança que inauguram no aqui e agora do tempo e da história, a vida plena que um dia esperamos saborear no Céu. *in Voz Portucalense*.

+++++

Neste **Domingo XXVI do Tempo Comum**, o diretório litúrgico assinala o **111.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado**, ainda que neste ano jubilar, em Roma, o **Dia Mundial do Migrante e Refugiado será vivido nos dias 4 e 5 de outubro, no Jubileu dos Migrantes e do Mundo Missionário**. Para este ano, o Papa Leão XIV escreveu uma mensagem intitulada: «Migrantes, missionários de esperança». Sendo uma mensagem breve, **(ver anexo)** pode ser distribuída pelos fiéis ou divulgada nas redes sociais pelas comunidades. *in Voz Portucalense*.

+++++

Continuamos no Tempo Comum, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C – onde somos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Amós 6,1a.4-7

Eis o que diz o Senhor onipotente:

**«Ai daqueles que vivem comodamente em Sião
e dos que se sentem tranquilos no monte da Samaria.**

**Deitados em leitos de marfim,
estendidos nos seus divãs,
comem os cordeiros do rebanho
e os vitelos do estábulo.**

**Improvisam ao som da lira
e cantam como David as suas próprias melodias.**

**Bebem o vinho em grandes taças
e perfumam-se com finos unguentos,
mas não os aflige a ruína de José.**

**Por isso, agora partirão para o exílio à frente dos deportados
e acabará esse bando de voluptuosos».**

CONTEXTO

Amós era natural de Técuá, uma pequena localidade situada a cerca de oito quilómetros a sudeste de Belém, no reino de Judá. Não pertencia a um grupo organizado de profetas, nem se movia nos círculos religiosos tradicionais. Era “pastor e cultivava frutos de sicómoros” (Am 7,14) quando Deus o chamou a exercer a missão profética e o enviou para o Reino do Norte (Israel). Jeroboão II (782-753 a.C.) era, por essa altura, o rei de Israel. Estariam por volta de 760 a.C.

Israel conhecia, por essa altura, uma grande prosperidade económica. As conquistas militares de Jeroboão II tinham ampliado os limites do reino e feito entrar no país riquezas consideráveis, resultantes dos tributos pagos pelos povos vencidos. A classe dirigente, rica e poderosa, vivia em festas intermináveis; o comércio e a indústria (mineira e têxtil) asseguravam bem-estar e riqueza; as habitações da burguesia urbana atingiram um luxo e magnificência até então desconhecidos.

No entanto, a prosperidade das classes favorecidas contrastava com a miséria de uma parte significativa da população do país. O sistema de distribuição de bens essenciais estava nas mãos de comerciantes sem escrúpulos que, aproveitando o bem-estar económico, especulavam com os preços. Com o aumento dos preços,

as famílias de menores recursos endividavam-se e acabavam por se ver espoliadas das suas terras em favor dos grandes latifundiários. Os poderosos dominavam os tribunais, subornavam os juizes e utilizavam o aparelho judicial para proteger os seus interesses de classe. Os mais pobres, espoliados dos seus direitos, não tinham quem os defendesse face às injustiças de que eram alvo.

Por outro lado, a religião florescia num esplendor ritual nunca visto. Magníficas festas, abundantes sacrifícios de animais, um culto esplendoroso, marcavam a vida religiosa dos israelitas... O problema é que esse culto não tinha nada a ver com a vida: no dia a dia, os mesmos que participavam nesses ritos culturais majestosos praticavam injustiças contra os pobres e cometiam toda a espécie de atropelos ao direito. Mais ainda: os ricos ofereciam a Deus abundantes ofertas, a fim de serenar as suas consciências culpadas e assegurar a cumplicidade de Deus para os seus negócios escuros... Além disso, a influência da religião cananeia estava a levar os israelitas para o sincretismo religioso: o culto a Javé misturava-se com rituais pagãos provenientes dos cultos a Baal e Astarte. Essa confusão religiosa punha em sérios riscos a pureza da fé javista.

É neste contexto que Amós, o “profeta da justiça social”, vai fazer ouvir a sua denúncia profética. O seu discurso, rude e sincero, traz algo da dureza do deserto; a sua mensagem, desafiadora e inquietante, avisa que Deus está cansado de ver injustiças e arbitrariedades. Israel está em grave perigo, pois Deus não está disposto a suportar por mais tempo aquilo que está a acontecer. Se Israel continuar neste caminho, espera-o o castigo e a morte.

O texto que hoje nos é proposto pertence ao género literário dos “ais” (vers. 1). Começa com uma interjeição (“hwy”) que é, habitualmente, usada em lamentações fúnebres. A palavra corresponde ao grito com que as carpideiras acompanham o cortejo fúnebre.... É o terceiro “ai” de Amós; os outros dois aparecem em Am 5,7 (a propósito da justiça e dos tribunais) e em Am 5,18 (a propósito do culto). No discurso profético esta palavra aparece como introdução a um oráculo que anuncia o castigo: indica que certas pessoas ou grupos se encontram às portas da morte por causa dos seus pecados. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- O mundo de Amós parece-nos substancialmente diferente daquele que conhecemos nos nossos dias? É claro que não. Também hoje há pessoas que vivem comodamente instaladas numa vida fácil e despreocupada, sem querer saber do imenso cortejo de homens e mulheres que não têm o necessário para viver dignamente; também hoje há pessoas que ganham fortunas com o trabalho escravo, mas que pagam salários de miséria aos seus empregados; também hoje há pessoas que malbaratam fortunas em festas esplêndidas, cuja finalidade é apenas ter visibilidade social; também hoje há pessoas que se apossam indevidamente de dinheiros públicos e que nunca são responsabilizados porque encontram sempre maneira de fazer com que os seus crimes prescrevam... E, por contraste, há homens e mulheres que trabalham duramente e que nem sempre conseguem assegurar o pão de cada dia para os seus filhos; há pessoas de idade que passaram toda a vida a trabalhar e que, nos últimos anos das suas vidas enfrentam dificuldades porque a sua magra reforma mal dá para pagar os medicamentos de que necessitam; há imigrantes que vêm à procura de uma vida mais digna e acabam por ser obrigados a contentar-se com condições que os degradam. Podemos conformar-nos com estes quadros? Que podemos fazer para que o nosso mundo seja mais justo e mais humano? Como reivindicar, com coragem profética, um mundo mais parecido com o projeto de Deus?
- Não nos contentemos, contudo, em condenar simplesmente uma sociedade egoísta e injusta, que não se importa com as fraturas sociais e que cultiva a indiferença... Atevamo-nos também a olhar para nós, para o nosso estilo de vida, para os valores que nos governam, para a forma como utilizamos os bens que Deus nos confiou... É possível que não frequentemos festas que reúnem os colunáveis da nossa praça; é possível que não usemos dinheiros públicos para pagar os nossos divertimentos e esbanjamentos; é possível que remuneremos com justiça as pessoas que nos servem... Mas o nosso estilo de vida é simples, sóbrio, equilibrado, sem excessos? Cedemos à tentação do consumismo, vivemos voltados para as coisas fúteis e supérfluas? Os valores que privilegiamos são os valores consistentes e duradouros, ou são os valores efêmeros, impostos pela moda ou pelos “fazedores” de opinião? Tratamos com respeito as pessoas mais pobres, mais humildes, aquelas que nos servem?
- Amós contempla o quadro da sociedade do seu tempo e não tem dúvidas: Deus não aprova, de forma nenhuma, uma situação que degrada a dignidade dos seus queridos filhos. Por isso, diz Amós, Deus vai pôr um ponto final na maldade e na injustiça: esses que não se afligem com o sofrimento dos seus irmãos, “partirão para o exílio à frente dos deportados e acabará esse bando de voluptuosos”. São palavras arrepiantes, que nos devem fazer pensar. Talvez nos choque – a nós que frequentamos a “escola de Jesus” e que aprendemos com Jesus a ver em Deus um Pai benevolente e misericordioso – esta “versão” de um Deus justiceiro, que castiga duramente os injustos e os maus... Mas a radical afirmação do profeta, fruto da sua indignação, serve para nos

fazer perceber que Deus nunca estará do lado daqueles que não se importam com o sofrimento dos seus irmãos. A afirmação de Amós é a condenação radical de um estilo de vida que fere a dignidade dos filhos de Deus, particularmente dos mais frágeis e humildes. O que sentimos diante disto? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 145 (146)

Refrão 1: Ó minha alma, louva o Senhor.

Refrão 2: Aleluia.

O Senhor faz justiça aos oprimidos,
dá pão aos que têm fome
e a liberdade aos cativos.
O Senhor ilumina os olhos dos cegos,
o Senhor levanta os abatidos,
o Senhor ama os justos.
O Senhor protege os peregrinos,
ampara o órfão e a viúva
e entrava o caminho aos pecadores.
O Senhor reina eternamente.
O teu Deus, ó Sião,
é Rei por todas as gerações.

LEITURA II – 1 Timóteo 6,11-16

Caríssimo:

Tu, homem de Deus, pratica a justiça e a piedade,
a fé e a caridade, a perseverança e a mansidão.
Combate o bom combate da fé,
conquista a vida eterna, para a qual foste chamado
e sobre a qual fizeste tão bela profissão de fé
perante numerosas testemunhas.
Ordeno-te na presença de Deus,
que dá a vida a todas as coisas,
e de Cristo Jesus,
que deu testemunho da verdade diante de Pôncio Pilatos:
guarda este mandamento sem mancha
e acima de toda a censura,
até à aparição de Nosso Senhor Jesus Cristo,
a qual manifestará a seu tempo
o venturoso e único soberano,
Rei dos reis e Senhor dos senhores,
o único que possui a imortalidade e habita uma luz inacessível,
que nenhum homem viu nem pode ver.
A Ele a honra e o poder eterno. Amen.

CONTEXTO

Timóteo era uma figura bem conhecida nas comunidades cristãs ligadas ao apóstolo Paulo. Filho de pai grego e de mãe judeo-cristã, Timóteo era natural da cidade de Listra, situada na região da Licaónia, a cerca de trinta quilómetros a sul de Icónio. Paulo encontrou-se com Timóteo quando passou em Listra, no decurso da sua segunda viagem missionária. Timóteo acompanhou Paulo a partir daí. O livro dos Atos dos Apóstolos refere a presença de Timóteo junto de Paulo na Bereia, em Atenas (cf. At 17,14-15), em Corinto (cf. At 18,5) e em Éfeso (cf. At 19,22). Paulo confiava plenamente em Timóteo, chegando mesmo a confiar-lhe algumas missões delicadas junto de comunidades cristãs que se defrontavam com problemas (cf. 1 Ts 3,2.6; 1 Cor 4,17; 16,10-11). A tradição cristã apresenta Timóteo como o primeiro bispo de Éfeso.

Discute-se se a primeira Carta a Timóteo é de autoria paulina. A maior parte dos biblistas pensa que não. A linguagem e a teologia parecem significativamente distantes de outras cartas reconhecidamente paulinas. Além disso, a carta refere-se a um modelo de organização eclesial que parece bem posterior à época de Paulo (Paulo teria sido martirizado em Roma por volta do ano 66/67, durante a perseguição de Nero). A grande preocupação que transparece na primeira Carta a Timóteo já não é a difusão do Evangelho, mas sim a organização e a conservação do “depósito da fé”. Parece ser um escrito de uma época tardia, de um tempo em que a comunidade

cristã começa a sofrer a influência de “mestres” que difundem doutrinas estranhas à fé apostólica. O autor da carta deixa-nos o perfil desses “falsos mestres”: são orgulhosos e ignorantes, fomentam a discórdia, os insultos, as suspeitas injustas, as invejas e os ciúmes, discutem questões sem importância, são gananciosos e preocupam-se com o lucro pessoal (cf. 1 Tm 6,4-6). A comunidade cristã deve desconfiar deles e não lhes dar crédito. A esses “falsos mestres”, o autor da Carta contrapõe o “homem de Deus”: aquele em quem a comunidade cristã pode confiar, pois transmite sem falhas a fé apostólica. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- O autor da primeira Carta a Timóteo traça, neste breve trecho que a liturgia deste domingo nos propõe como segunda leitura, o perfil daquele a quem chama o “homem de Deus”. O que é um “homem de Deus”? É alguém que faz coisas transcendentais e que vive a meio caminho entre o céu e a terra? Não. O “homem de Deus” é, simplesmente, aquele que é no mundo um sinal vivo de Deus; é aquele que é, no meio dos seus irmãos, um anúncio da bondade e do amor de Deus; é aquele que, pela forma como age, torna Deus presente na vida de todos aqueles que com ele se cruzam. Talvez hoje, nesta época um tanto peculiar em que nos toca viver, ser “homem de Deus” não pareça uma “carreira” muito atrativa: exige compromisso, entrega, coerência, verdade, sacrifício, dom de si próprio; exige um estilo de vida que leva, por vezes, a “remar contra a corrente”, a “circular em contramão”, a prescindir de valores que a maioria aprecia e cultiva. Ser “homem de Deus” ou “mulher de Deus” faz parte do nosso programa de vida?
- Detenhamo-nos um pouco mais nas implicações de ser “homem de Deus”: de acordo com o autor da primeira Carta a Timóteo, o “homem de Deus” é alguém que “pratica a justiça e a piedade, a fé e a caridade, a perseverança e a mansidão”; é alguém que leva muito a sério a sua fé, que a vive em todas as circunstâncias, mesmo em contextos de incompreensão e de perseguição; é alguém que, como Jesus, dá testemunho da verdade, sem medo nem respeito humano. Ou seja: ser “homem de Deus” é viver de acordo com os compromissos que assumimos quando aderimos a Cristo, no dia do nosso batismo. Temos procurado viver de acordo com os compromissos que resultam do nosso batismo? Seguimos Jesus, como discípulos, no caminho da entrega, do serviço, do dom da vida? Praticamos a caridade, a mansidão, a misericórdia? Damos testemunho da verdade de Deus, seja em que circunstâncias forem?
- Embora isso não apareça de forma explícita no texto que escutamos hoje, o autor da primeira Carta a Timóteo denuncia a “ganância do dinheiro” que levou muitos “falsos mestres” a desviarem-se da fé e a enveredarem por caminhos equívocos (cf. 1 Tm 6,10). A Timóteo, o autor da Carta pede: “foge dessas coisas” (1 Tm 6,11a). Este aviso – que antecede imediatamente o texto que escutamos – encaixa perfeitamente na temática que domina a liturgia deste domingo: o perigo de nos apegarmos ao dinheiro e de sacrificarmos toda a nossa vida ao deus dinheiro. A advertência vale para todos os “homens de Deus”, inclusive os “pastores” das comunidades cristãs... Quando nos deixamos dominar pelo amor do dinheiro, perdemos o controle da nossa vida, esquecemos os nossos valores, passamos a ser mercenários que trabalham por interesse, fazemos da fé um negócio, esquecemos o significado da caridade, tornamo-nos escravos da mentira, subvertemos o Evangelho. Os bens materiais são o nosso horizonte dominante? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Lucas 16,19-31

**Naquele tempo,
disse Jesus aos fariseus:
«Havia um homem rico,
que se vestia de púrpura e linho fino
e se banqueteava esplendidamente todos os dias.
Um pobre, chamado Lázaro,
jazia junto do seu portão, coberto de chagas.
Bem desejava saciar-se do que caía da mesa do rico,
mas até os cães vinham lamber-lhe as chagas.
Ora sucedeu que o pobre morreu
e foi colocado pelos Anjos ao lado de Abraão.
Morreu também o rico e foi sepultado.
Na mansão dos mortos, estando em tormentos,
levantou os olhos e viu Abraão com Lázaro a seu lado.
Então ergueu a voz e disse:
‘Pai Abraão, tem compaixão de mim.
Envia Lázaro, para que molhe em água a ponta do dedo
e me refresque a língua,**

porque estou atormentado nestas chamas’.

Abraão respondeu-lhe:

‘Filho, lembra-te que recebeste os teus bens em vida e Lázaro apenas os males.

Por isso, agora ele encontra-se aqui consolado, enquanto tu és atormentado.

Além disso, há entre nós e vós um grande abismo, de modo que se alguém quisesse passar daqui para junto de vós, ou daí para junto de nós, não poderia fazê-lo’.

O rico insistiu:

‘Então peço-te, ó pai, que mandes Lázaro à minha casa paterna

– pois tenho cinco irmãos –

para que os previna,

a fim de que não venham também para este lugar de tormento’.

Disse-lhe Abraão:

‘Eles têm Moisés e os Profetas.

Que os oiçam’.

Mas ele insistiu:

‘Não, pai Abraão. Se algum dos mortos for ter com eles, arrepender-se-ão’.

Abraão respondeu-lhe:

‘Se não dão ouvidos a Moisés nem aos Profetas,

mesmo que alguém ressuscite dos mortos,

não se convencerão’.

CONTEXTO

Jesus vai a caminho de Jerusalém, acompanhado pelos discípulos. Enquanto caminham, Jesus vai desvelando aos discípulos os mistérios do Reino de Deus. O tempo de Jesus junto dos discípulos está a esgotar-se, pois a cruz está a espera d’Ele em Jerusalém, no final desse “caminho”. É necessário preparar os discípulos para que, após a partida de Jesus, assumam a missão de dar testemunho do Reino de Deus por todo o lado, “até aos confins do mundo”.

A história de um rico anónimo e de um mendigo chamado Lázaro é mais uma das “lições” que Jesus oferece enquanto caminha para Jerusalém. Trata-se de um episódio exclusivo de Lucas, que mais nenhum dos evangelistas refere. Desta vez, a “lição” de Jesus não se destina apenas aos discípulos: destina-se também aos fariseus (cf. Lc 16,14), que representam todos aqueles que amam o dinheiro e vivem em função dos bens materiais. Poucos antes esses fariseus tinham troçado de Jesus por Ele dizer: “não podeis servir a Deus e ao dinheiro”. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- A história do rico e do pobre Lázaro poderá ser vista como uma parábola sobre o nosso mundo.... Há gente que vive comodamente instalada numa sociedade de bem-estar, cercada de luxo e de abundância, com hábitos consumistas e com preocupações fúteis, cuja vida é uma festa interminável e um esbanjamento sem medida. E há gente – muita, muita gente – sem recursos e sem futuro, abandonada nas bermas do caminho que a humanidade percorre, afundada na miséria mais sombria, que vive privada de pão, de instrução, de cuidados médicos, de dignidade e de amor. Podemos arranjar mil e uma razões para justificar este estado de coisas; podemos inventar todas as culpas e desculpas que quisermos para explicar este quadro... Mas tratar-se-á sempre de um escândalo intolerável, que subverte completamente o projeto de vida que Deus tem para os seus queridos filhos. Jesus di-lo claramente na história que contou a caminho de Jerusalém e que o Evangelho deste domingo nos traz: Deus não concorda, de forma nenhuma, que o mundo seja construído desta forma; Deus não pode aceitar que um quarto da humanidade açambarque oitenta por cento dos recursos que Ele pôs à disposição de todos e que três quartos da humanidade tenham de viver com os vinte por cento restantes. E nós, aceitamos? Podemos viver tranquilos sabendo que em tantos lugares do nosso mundo há pessoas que não têm o necessário para viver? Que podemos fazer?
- O grande pecado do “rico” da parábola é ficar completamente indiferente à sorte do pobre Lázaro. Lázaro está todos os dias deitado junto do portão da casa do homem rico, derrotado e necessitado; mas o “rico” não o vê, ou não o quer ver, ou vê-o e acha que aquilo não lhe diz respeito. O pobre

Lázaro, cheio de fome e com o corpo cheio de chagas, não conta, não interessa, não tem voz nem vez, não atrai um olhar, não suscita compaixão, vale tanto como uma pedra muda e insensível. A indiferença desumaniza: desumaniza o “pobre” que perde, aos olhos dos seus irmãos o estatuto de pessoa; desumaniza o “rico”, aquele que vive apenas voltado para os seus interesses e que deixa de ter sentimentos de humanidade pelo seu irmão. Fala-se hoje muito da “globalização da indiferença”. É uma realidade. Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de sentir compaixão, de chorar com os que choram e de rir com os que riem; passamos pelo irmão que sofre sem ver, ou como se o sofrimento do outro não nos dissesse respeito. Encolhemos os ombros diante da miséria, levantamos barreiras para que os pobres não entrem no nosso país e não batam à porta da nossa casa, criamos instituições onde escondemos aqueles que, pelo seu sofrimento, nos questionam e incomodam, reduzimos a fome e a enfermidade a números e estatísticas que não nos tocam. Se continuarmos a viver assim, sem sentir compaixão, não estaremos a desumanizar-nos? Onde é que nos leva a globalização da indiferença?

- Há uma coisa que Jesus deixa bem claro na parábola: Deus não está de acordo com a nossa insensibilidade diante do sofrimento, com a nossa indiferença face ao irmão necessitado, com o egoísmo que nos leva a olhar apenas para o nosso bem-estar, com o esbanjamento dos bens que pertencem a todos os homens. Com uma linguagem dura, muito própria dos pregadores da época, Jesus declara solenemente que uma vida vivida em chave de egoísmo e autossuficiência é uma vida completamente perdida, falhada, sem sentido. Os “tormentos” que o “rico” da parábola sofre, no final da sua vida, são a maneira de representar a situação daqueles que, chegados ao fim do seu caminho, descobrem que a sua existência egoísta foi um total fracasso e que já não lhes é possível voltar atrás. Para nós, que ainda caminhamos na terra, a vida não está ainda fechada: é possível retrocedermos, é possível dar sentido à nossa vida, é possível construirmos um mundo mais humano, mais fraterno e mais feliz. Ousaremos fazê-lo?
- Às vezes, diante da maldade e do egoísmo que desfeiam o mundo e que fazem sofrer os homens, interpelamos Deus, duvidamos da sua justiça e do seu amor, criticamos a sua indiferença face aos homens, garantimos que não compreendemos o silêncio que Ele mantém face às desgraças que acontecem no mundo e na história dos homens... Quando tecemos essas críticas, estaremos a ser justos? Desde o início da humanidade, Deus anda a avisar-nos, a propor-nos caminhos, a indicar-nos como devemos viver para construir um mundo mais humano e mais feliz. A certa altura, Deus até nos enviou o seu filho, o seu Jesus, para nos ensinar a construir a civilização do amor. Se os homens continuam a caminhar por caminhos de egoísmo e de maldade, a culpa será de Deus? Não ouvimos a cada passo a Palavra de Deus, uma Palavra que nos aponta inequivocamente o caminho que conduz à vida? Vivemos atentos a essa Palavra? Levamo-la a sério? Deixamo-nos conduzir por ela? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

Na **primeira leitura**, com a exceção da palavra «*voluptuosos*», não existe nenhuma palavra difícil ou uma construção frásica mais exigente. Deste modo, pede-se apenas a atenção no tom da proclamação da leitura onde o Profeta Amós, em nome de Deus, denuncia violentamente uma classe dirigente ociosa, que vive no luxo à custa da exploração dos pobres. Sem exageros, este tom condenatório, deve estar presente na proclamação da leitura.

Na **segunda leitura**, S. Paulo exorta o seu interlocutor na prática da caridade e das boas obras. Por isso, é necessário ter em atenção o vocativo presente no início da leitura, bem como as diversas formas verbais no imperativo – «*combate*», «*conquista*», «*ordeno-te*» e «*guarda*» – para que toda a riqueza do texto esteja presente na proclamação da leitura.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)